

Greice Rejane Moraes Vaz, Eduardo Romeiro Filho\*

# Entendendo a área do design em Manaus: percepção dos designers egressos da UFAM



**Greice Rejane Moraes Vaz.** Designer Visual formada pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM (2004). Mestre em Engenharia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR (2010) e Doutora em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG (2023). Atuou na Universidade Federal de Roraima (UFRR) como Programadora Visual na Coordenadoria de Comunicação (CoordCom) e na Editora. Na UFAM atua no Laboratório de Desenvolvimento de Produtos (Design/FT) e como docente colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Design (PPGD). Foi docente e coordenadora do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico do Centro Universitário Estácio da Amazônia por sete anos.  
<gvaz@ufam.edu.br>  
ORCID 0009-0002-2823-0759

## Resumo

Manaus, capital do estado do Amazonas, é uma cidade singular sob muitos aspectos. É geograficamente isolada em relação a outras capitais do país, o que dá margem ao “senso comum” de que a cidade e a própria Região Norte, em relação ao design, estão atrasadas. Assim, o objetivo geral deste estudo é demonstrar a percepção dos egressos do curso de Design da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) sobre a área do design na cidade para esses profissionais. A captação dos dados foi obtida mediante pesquisa qualitativa - descritiva e exploratória -, incluindo pesquisa bibliográfica e documental, estudo de campo e survey. Foi aplicado um questionário, enviado por e-mail e redes sociais dos egressos. Os respondentes expuseram que eles não desistiram da profissão, que a maioria conseguiu emprego na área, tanto no setor privado, quanto no público, e seguiram especializando-se, garantindo, assim, salários considerados acima da média para o setor local.

**Palavras-chave** Egressos de Design, Design Manaus, Design e Mercado.

## Understanding the design area in Manaus: perception of UFAM graduate designers

**Abstract** Manaus, capital of the state of Amazonas, is a unique city in many ways. It is geographically isolated from other capitals in the country, which gives rise to the “common sense” that the city and the North Region itself, in terms of design, are behind schedule. Thus, the general objective of this study is to demonstrate the perception of the graduates of the Design course at the Federal University of Amazonas (UFAM) about the design area in the city for these professionals. Data capture was obtained through qualitative research - descriptive and exploratory -, including bibliographical and documentary re-

**Eduardo Romeiro Filho.** Desenhista Industrial pela Escola Superior de Design Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1987), Mestre (1993) e Doutor (1997) em Engenharia de Produção pela Coppe, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Titular da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais. Trabalha no Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais e do Programa de Pós-graduação em Inovação Tecnológica da UFMG.

<romeiro@dep.ufmg.br>

ORCID 0000-0002-5574-5312

*search, field study and survey. A questionnaire was applied, sent by e-mail and social networks of the graduates. Respondents explained that they did not give up the profession, that most got jobs in the area, both in the private and public sectors, and continued to specialize, thus guaranteeing salaries considered above average for the local sector.*

**Keywords** *Graduates of Design, Design Manaus, Design and Market.*

## **Entendiendo el área del diseño en Manaus: percepción de los diseñadores graduados en la UFAM**

**Resumen** *Manaos, capital del estado de Amazonas, es una ciudad única en muchos sentidos. Está aislada geográficamente de otras capitales del país, lo que da el “sentido común” de que la ciudad y la propia Región Norte, en términos de diseño, están detrás. Por tanto, el objetivo general de este estudio es demostrar la percepción de los egresados de la carrera de Diseño de la Universidad Federal de Amazonas (UFAM) sobre el área del diseño en la ciudad para estos profesionales. La captura de datos se obtiene mediante investigación cualitativa –descriptiva y exploratoria–, incluyendo investigación bibliográfica y documental, estudio de campo y encuesta. Se administró un cuestionario, enviado por correo electrónico y redes sociales a los graduados. Los encuestados explicaron que no abandonaron la profesión, que la mayoría obtuvo empleo en la zona, tanto en el sector público como en el privado, y continuó especializándose, garantizando así salarios considerados superiores al promedio del sector local.*

**Palabras clave** *Licenciados en Diseño, Diseño Manaus, Diseño y Mercado.*

## **Introdução**

Este estudo é um recorte da tese intitulada Design em Manaus: estudo sobre a atuação do designer graduado pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam), realizado entre os anos de 2018 e 2022, na Escola de Design, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), na área de concentração: Cultura, Gestão e Processos em Design.

A pesquisa decorreu devido à percepção dos egressos de que grande parcela da sociedade amazonense demonstrava ter conhecimento mínimo sobre a área do design e suas modalidades em Manaus, esse tema era constantemente debatido em encontros ocasionais dos designers egressos do Curso ou em eventos científicos e acadêmicos, pois era recorrente a discussão sobre a complexidade que o design possui devido à existência de tantas definições, e o uso dele pelas empresas, já que o design engloba diversas especialidades e áreas dentro dele próprio, como apontam Meyer e Norman (2020) e Swanson (2020).

A UFAM oferta o curso há 35 anos, daí o desconforto de explicar que um designer egresso possui formação multidisciplinar sólida, que pode atuar nas

**Luis Carlos Paschoarelli.** Professor Titular no Departamento de Design da UNESP (desde 2017), Livre-Docente em Design pela UNESP (2009); possui Pós-doutorado em Ergonomia (2008) e Design (2024) pela ULISBOA; Doutorado em Engenharia de Produção (2003) pela UFSCar; Mestrado (1997) e Graduação (1994) em Desenho Industrial pela UNESP. Co-lider no Grupo de Pesquisa “Design Ergonômico: Projeto e Interfaces”. Atua no Departamento de Design e Laboratório de Ergonomia e Interfaces, como docente no curso de graduação em Design e do Programa de Pós-graduação (mestrado e doutorado) em Design da UNESP e é Bolsista PQ-CNPq. Tem experiência na área do design, ergonomia, design ergonômico, design de produto e design gráfico.

<luis.paschoarelli@unesp.br>

ORCID 0000-0002-4685-0508

diversas áreas do design e ainda possui conhecimentos dos diversos setores produtivos e potencialidades de seu desenvolvimento.

Manaus é uma metrópole com características que a tornam singular dentre as grandes capitais brasileiras: cidade industrial, comercial e turística, elemento central no desenvolvimento econômico da região norte. Entretanto, devido à sua localização geográfica, parece estar atrasada em alguns quesitos em relação às capitais das regiões sul e sudeste do país, principalmente quando confronta-se dados como a quantidade de cursos de graduação, a exemplo, no Amazonas têm-se sete Instituições de Ensino Superior (IES) que oferecem cursos presenciais na área de design na cidade, bacharelado ou tecnologia. Seis delas são universidades e faculdades particulares e apenas uma pública, a UFAM, segundo o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior do e-MEC (E-MEC, 2021). Em relação a pós-graduação *stricto sensu* a maioria dos cursos estão concentrados nas regiões Sul (com sete Programas) e Sudeste (com nove Programas). Outra informação relevante é que a UFAM foi a primeira universidade pública do Norte a ofertar o primeiro curso de mestrado de profissional em Design.

Em razão disso, traçou-se como objetivo geral da pesquisa investigar a atuação do egresso do curso de Design da UFAM no mercado de Manaus. Buscou-se conhecer a realidade local dos designers, uma vez que ainda não se sabe com clareza – a partir da extração de informações dos egressos da UFAM – onde atuam e de que forma. Assim, foi realizada uma pesquisa utilizando-se questionário autoadministrado elaborado com perguntas abertas e fechadas (dicotômicas, múltipla escolha e mistas) privilegiando um vocabulário com termos acessível aos respondentes.

Esta pesquisa, então, se justificou pela carência de estudos sobre a atuação do designer em Manaus, pois as pesquisas encontradas e desenvolvidas no âmbito acadêmico, especialmente os desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Design (PPGD) da UFAM, os temas mais comuns das dissertações defendidas entre os anos de 2019 e 2023 são: “Design de Interface (7), Projeto de Produto (5), Sustentabilidade (4), Design Thinking (4), Design de Interação (3), Gestão do Design (3), Branding (2), Compósitos (2), Design Editorial (2), Design de Móveis (2), Design Social (2)” (VAZ e ALENCAR, 2023, p. 108). Além disso, as teses e as dissertações defendidas ao longo dos anos pelos docentes do curso de Design da UFAM e de pesquisadores da área do design no Amazonas tratam de temas como gestão do design, ergonomia, aproveitamento de resíduos de madeiras e fibras para confecção de produtos, realidade aumentada, dentre outros.

## O curso de Design da UFAM: história e reflexões

Pode-se conjecturar que a UFAM assumiu um desafio e foi pioneira quando implantou o curso de Desenho Industrial, em 1988, quando poucas universidades ofereciam cursos nessa área no Brasil (Braga, 2014). Apesar de

muitas dificuldades, o curso foi reconhecido in loco pelo MEC em 1997, por meio da Portaria n.º 219, de 06/03/1998.

Ao ofertar quatro cursos de pós-graduação em nível lato sensu: Design de Produtos em Madeira (1995), Design, Propaganda e Marketing (1997), Ergonomia (2004) e Design de Interiores (2007) e ter atualmente o único Programa de Pós-Graduação em Design, ofertando o curso de Mestrado Profissional em Design, desde 2017, reforça-se o pioneirismo e a importância do curso para a região Norte. Fato importante, pois, como foi observado na Plataforma Sucupira, o Norte não possuía nenhum curso stricto sensu na área do design.

Em 2007, o curso passou por reforma curricular, assim passou a ter também disciplinas que contemplassem “as particularidades da região amazônica (matérias-primas, iconografia, condições climáticas e mão de obra local)” como afirmou Braga (2014, p, 51), afinal o design é o equacionamento simultâneo de fatores sociais, antropológicos, ecológicos, ergonômicos, tecnológicos e econômicos na concepção de elementos e sistemas materiais necessários à vida, ao bem-estar e à cultura do homem, como Niemeyer (2007) explanou. Além disso, a nova matriz veio com a “proposta de corrigir falhas detectadas na estrutura anterior, como repetição de conteúdos” (PPC Design, 2007, p. 129).

Destacamos três ações: a nomenclatura do curso mudou para Design; as duas habilitações (Programação Visual e Projeto de Produto) foram unificadas e o curso foi reduzido para oito períodos (quatro anos), respeitando as diretrizes nacionais estabelecidas pelo MEC para a graduação na área (BRAGA, 2014). Assim, o curso adquiriu característica mais dinâmica, pois as mudanças eram inevitáveis e permitiram ao futuro designer manauara mais adequação ao mercado de trabalho. A esse respeito, Braga (2014) esclarece que

Diante das realidades percebidas por todos os profissionais, professores, alunos e sociedade, os requisitos e critérios para a Organização Curricular levaram em consideração alguns aspectos importantes da cultura local e da estrutura dos campos de conhecimento do Design, considerando as peculiaridades da Região Amazônica (matérias-primas, iconografia, condições climáticas e mão de obra local) (BRAGA, 2014, p. 51).

A nova estrutura também proporcionou mais flexibilidade para atualização e inclusão de conteúdos relevantes para a realidade regional e eficiência na relação docente/quantidade de disciplinas ministradas (Braga, 2014, p. 48). O objetivo principal era facilitar a inserção do futuro designer no mercado de trabalho, visto que a atividade do design pode ser considerada inter, multi e transdisciplinar, uma vez que este profissional poderá atuar em variados ramos. As ponderações de Salinas-Flores (2016) sobre as recentes formas que os designers abordam as novas áreas de trabalho no século 21, como: design emocional, participativo, interação, experiência, dentre outros, especialmente

hoje, quando a relação entre os seres humanos e os objetos/serviços parece cada vez mais próxima e reforçam as mudanças que estão ocorrendo rapidamente na área.

Moraes (2020) argumenta que

A realidade epistemológica, somada às grandes transformações havidas na atividade de design como: o surgimento de novos conceitos de vida tendo como modelo a sustentabilidade socioambiental, a evolução no modo de produzir da indústria que passou de mecânica, para eletrônica e que se torna cada vez mais digital bem como os novos formatos de comercialização via web, fizeram com que os designers se ocupem, cada vez mais, de novos modos de relações, de novas experiências de consumo e de novas propostas de estilos de vida do que da concepção de novos produtos em si, essa que por muito tempo foi a razão e causa primeira do design (MORAES, 2020, p. 20).

Assim, para atender a um mercado dinâmico e a demandas da sociedade, as novas diretrizes curriculares do ensino superior dos cursos de design no Brasil passaram a primar, entre outras coisas, pelo estímulo à criatividade, ao desenvolvimento e à capacidade de pensamento crítico. Essas questões podem ser observadas no artigo 4.º das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Design (DCN, 2002), quando se refere às competências e às habilidades do designer. Segundo Landim (2010),

Os estudantes de design devem habituar-se a usar o raciocínio reflexivo e analítico durante as fases de desenvolvimento de um projeto. E ainda, devem ter senso crítico sobre as reais possibilidades de aplicação de seu produto junto ao mercado consumidor e junto ao usuário, além de habituar-se à aplicação de enfoques humanísticos e de valores culturais como fatores de diferenciação e como geração de novas alternativas projetuais (LANDIM, 2010, p. 144).

Isso demonstra ‘união’ entre design e áreas como engenharia, arquitetura, artes, artesanato, economia, marketing, dentre outras, e é visto e apontado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2004, no artigo 3.º:

O curso de graduação em Design deve ensinar, como perfil desejado do formando, capacitação para a apropriação do pensamento reflexivo e da sensibilidade artística, para que o designer seja apto a produzir projetos que envolvam sistemas de informações visuais, artísticas, estéticas culturais e tecnológicas, observados o ajustamento histórico, os traços cultu-

rais e de desenvolvimento das comunidades bem como as características dos usuários e de seu contexto socioeconômico e cultural.

Percebe-se claramente que a mudança na matriz curricular e a atualização das disciplinas permitiram:

- elaborar uma abordagem mais global em relação aos conteúdos, produzindo em parte mais conhecimentos e criando melhores oportunidades no mercado;
- incluir o design em um vasto campo de atuação e áreas para atender/satisfazer ao anseio cada vez maior dos consumidores/sociedade;
- melhorar a visão da função do designer para os ingressantes no curso e para a sociedade.

Nesse panorama, houve realinhamento no currículo compatível com os melhores cursos de design do país. O curso oferece informações para que o formando possa construir uma postura empreendedora, com desenvolvimento de habilidades nas áreas de gerenciamento de produtos e projetos, além de habilidades para atuar em equipes multidisciplinares. Isso é explicitado por Meyer e Norman (2020), quando afirmam que:

Gerenciar a equipe pode muito bem ser o maior desafio - cada representante provavelmente terá opiniões fortes sobre o que é necessário, bem como a crença de que seus pontos de vista têm prioridade sobre os outros. A capacidade de pesquisar os requisitos de design é limitada porque é um produto novo e, embora existam componentes da visão em hospitais e centros de pesquisa em todo o mundo, nenhum lugar conseguiu reuni-los todos. As habilidades mais importantes são gerenciamento e liderança - o treinamento tradicional em tipografia, cor, forma e materiais seria de pouca ou nenhuma relevância (Meyer e Norman, 2020, p. 17, tradução nossa).

O PPC (2007) também reforça que o egresso deverá ser comprometido com a realidade brasileira, com senso crítico e responsabilidades sociais capazes de fazê-lo interagir com as transformações e novos paradigmas da sociedade, gerando inovações que promovam melhoria da qualidade de vida. Além disso, como Buchanan (2004) explicou os designers estendem sua visão para novas áreas de aplicação ou focam em uma somente e refinam essa visão. O autor explana também que os designers

lidam com questões de escolha, com coisas que podem ser diferentes do que são. As implicações disso são imensas porque revela que o domínio do design não é acidentalmente, mas essencialmente contestado. A natureza essencial do design exige que tanto o processo quanto os resultados do design sejam abertos ao debate e à discordância. Os designers lidam com mundos possíveis e com opiniões sobre o que as partes e o todo do ambiente humano deveriam ser (BUCHANAN, 2004, p. 25, tradução nossa).

Em razão dessas questões, foram introduzidas novas disciplinas como: Ecodesign, Tipografia, Estudo da Embalagem e Design de Superfície que, do ponto de vista das habilidades e competências (saber fazer), mostra uma perspectiva mais abrangente para os docentes e os discentes, visto que “a resposta do design deve ser positiva e unificadora; deve ser a ponte entre as necessidades humanas, a cultura e a ecologia” (PAPANEK, 1995, p. 31, grifo do autor).

## Metodologia

Este estudo possui uma abordagem predominantemente qualitativa e, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, possui três técnicas de investigação: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e levantamento (survey – enquete). Considerando o objetivo geral, a população foi composta pelos 400 egressos do curso de Design da UFAM que receberam outorga de grau entre os anos de 1994 e 2019. Entretanto, em razão da dificuldade existente de contatar todos e almejando diminuir desconformidades nos resultados, não foi adotada quantidade fixa de participantes, pois era notório que poderia haver retorno ou não dos contatos ou até mesmo não serem localizados, ou ainda não se tinha a certeza se os respondentes concordariam ou não em participar da pesquisa respondendo ao questionário.

O questionário com 45 questões foi dividido em cinco sessões: i) apresentação da pesquisa; ii) consentimento pós-informação; iii) perfil do entrevistado – sete perguntas; iv) entendendo a área do design em Manaus – nove questões; v) academia x mercado – 16 indagações; vi) egressos com vínculo trabalhista – sete questões; vii) freelancers – três perguntas e viii) para encerrar, com três indagações.

No item ‘perfil do entrevistado’, buscou-se informações como: sexo, ano de ingresso no curso, outorga de grau, faixa etária, satisfação com a profissão escolhida, onde está trabalhando ou trabalhou após a saída da academia, qualificação (especialização, mestrados e doutorados), dentre outros. Os itens ‘entendendo a área do design em Manaus’ e ‘relação com o mercado’ foram criados com o objetivo de contextualizar o entendimento dos egressos sobre



a relação entre design, sociedade manauara, academia e mercado, além de levantar informações como: ramo, segmento, produtos e serviços ofertados ao mercado, quantidade de funcionários, setores existentes na empresa, dentre outros, que os egressos trabalham.

Para envio do questionário, foram utilizadas as ferramentas on-line, considerando o afastamento social recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) devido à pandemia da Covid-19, já que os questionários foram enviados a partir de junho de 2021, ficando disponíveis até novembro do mesmo ano. É relevante lembrar que Manaus foi uma das cidades mais afetadas pelo vírus SARS-CoV, sofreu com dois picos da doença, um em 2020, nos meses de abril e maio, e outro no início de janeiro de 2021 até março, que contaminou mais de 620 mil pessoas e matou mais de 14 mil.

A aplicação do questionário foi por meio do Google Forms, enviado por link via e-mail, redes sociais e *WhatsApp*, facilitando o acesso.

## **Discussão e resultados**

### **Perfil do egresso respondente**

Foram 82 respondentes. 49 mulheres designers (60%). 33 na faixa etária de 23 a 35 anos (70%); 14 entre 36 e 50 anos (28%) e apenas uma com mais de 50 anos (2%). 33 homens designers (39%). 10 estão na faixa etária de 23 a 35 anos (30%), 21 entre 36 e 50 anos (63%) e dois com mais de 50 anos (6%). 69 designers egressos declararam ser manauaras ou amazonenses; 40 mulheres e 29 homens. De outros estados, tem-se 7 egressas e 2 egressos, que preferiram não responder essa questão. Dos respondentes masculinos, 4 são de outros estados.

Para 64 participantes da pesquisa (77,1%), o curso de Desenho Industrial e/ou Design da UFAM foi a primeira opção na escolha de cursos (roll da UFAM) e profissão, isto é, os participantes declararam que de alguma forma já tinham conhecimento sobre o curso, mas ainda não entendiam em que áreas poderiam exercer a profissão. Para 14 egressos (16,9%), não era a profissão ou o curso que queriam ou gostariam de fazer, mas foi para o qual foram aprovados. Para esses participantes, era a segunda ou a terceira opção de profissão. Esse dado é relevante porque corrobora com as respostas das 52 pessoas (62,7%) que afirmaram que, na época em que fizeram a prova do vestibular, não sabiam ou não conheciam onde o desenhista industrial ou o designer poderia exercer a profissão, especialmente em Manaus. Este fato é comentado por Silva (2012, p. 24) quando apontou que “alguns ingressam sem ter plena convicção da profissão que escolheram ou as habilitações disponíveis”. Registra-se que somente 26 egressos respondentes (31,3%) declararam já conhecer ou entender onde iriam atuar.



## Entendendo a área do design em Manaus

Demonstrar a opinião dos egressos sobre a relação do design com a sociedade manauara foi o objetivo da segunda parte do questionário, isto é, descortinar a visão desses profissionais quanto à sua realidade, vivência, experiência (fragilidades e pontos fortes da área na cidade, inserção no mercado, emprego, dentre outros), assim como as suas percepções sobre a importância do design e de suas modalidades no desenvolvimento regional. As respostas mostraram como os egressos lidam ou lidaram com a saída da academia para o mercado formal de trabalho e como demonstraram preocupação em relação ao (des) conhecimento (conceitos, aplicação, uso, profissão, dentre outros) da sociedade em relação ao design.

50 respondentes (60,2%) afirmam que a sociedade em geral não conhece e não sabe o que é design. A maioria concorda que a sociedade confunde a palavra “design” somente com a forma externa dos objetos e não como ele é e o que realmente significa. 18,1% sinalizaram que a sociedade conhece ou sabe parcialmente. Na visão deles, hoje em dia está muito mais evidente no mercado apenas o nome “design”. Essa afirmação é corroborada por Bonsiepe (2011, p. 13): “no Brasil, [...] associou-se à moda, festas e eventos midiáticos. Perdeu rigor e transformou-se em termo curinga, não contribuindo para consolidar a profissão dos projetistas de produtos e dos programadores visuais”, o autor ainda afirma que “no senso comum, o termo design está fortemente associado às atividades estético-formais”. 7 respondentes (8,4%) afirmaram que a sociedade conhece ou sabe o que é design.

No entanto, ainda é necessário esclarecer sobre a área e a profissão, uma vez que a palavra design é muito utilizada pelos meios de comunicação. Isso demonstra a força e o poder do design, mas, ao mesmo tempo, também o desconhecimento de sua importância por parte das empresas, devido ao excesso de exposição do termo (LANDIM, 2010). Esse equívoco é explanado por um egresso, ao comentar: “*uma parte da sociedade já sabe, mas a grande maioria ainda não*” (sic) e “*conhecem de maneira superficial*” (sic). Pode-se associar essas afirmações às dificuldades de relacionamento entre os diversos setores (público, privado, serviço, industrial, social, etc.) e as peculiaridade do design, justamente por ele ser multi, inter e transdisciplinar, que muitas vezes traz certa marginalização para a profissão, especialmente pelo nome design estar associado a algumas profissões estéticas, como design de sobancelhas, de unhas, dentre outros.

96,4% dos egressos (80 pessoas) consideram que o design é importante para o desenvolvimento regional. 89,2% (74 pessoas) consideram ser necessário que a sociedade conheça as atividades e as áreas de atuação do designer. 53 pessoas (63,9%) concordam que a sociedade amazonense e manauara não sabe a área de atuação e as atividades que o profissional designer exerce. 21,7% (18 egressos) concordaram que a sociedade conhece parcialmente a profissão.

Acredita-se que esse resultado se deve às dificuldades de interpretação da posição e atuação do designer, gerando dúvidas quanto ao seu papel em relação a outras áreas profissionais (ARRUDA FILHO et al., 2018). Com base nisso, entende-se também que essa percepção deva estar associada às respostas dos 34 egressos (41%) que concordam que essa mesma sociedade desconhece que a UFAM oferta o curso de Design há 35 anos.

31 respondentes (37,3%) afirmam que as pessoas sabem que a UFAM oferta o curso de Design. Contudo, de acordo com esses mesmos egressos, o curso e a profissão precisam de mais divulgação por parte da própria instituição, porque, segundo o comentário de um egresso, “apenas as pessoas que têm interesse na área e está familiarizada com os designers sabem” (sic). Outro respondente explica que “poucas pessoas entendem o processo de desenvolvimento dos projetos ou conhece todas as áreas de atuação porque ainda é uma relação rasa com a sociedade” (sic). 21,6% responderam que não têm opinião formada sobre a questão.

71 respondentes (85,5%) afirmaram que não desistiram da profissão em design e seguem trabalhando em diversos setores. Somente 14,5% (12 pessoas) declararam que desistiram da profissão depois de graduados, citando diversos motivos como: a não identificação com a profissão; questões salariais; falta de oportunidade no mercado. Examinando esse espectro, entendemos que a aceitação da profissão por parte dos designers egressos da UFAM nos levou a crer que a maioria está satisfeita com sua profissão e com as perspectivas futuras no mercado de trabalho local.

Aparentemente, cada egresso buscou ampliar seu campo de atuação e explorar as possibilidades criando novas oportunidades na cidade. Assim, destacamos as frases que explicitam essa questão:

*“A ideia de ter dedicado anos de estudo em uma área me faz ter impulso de continuar e também o retorno dos clientes em relação ao que eu entrego nos meus projetos. Tudo isso continua alimentando a paixão pela profissão e pela área como um todo” (sic).*

*“Eu escolhi a profissão enquanto estava no ensino médio, e como gosto de desenvolver produtos e trabalhar com questões sociais, não poderia desistir do curso, mas sim continuar a me especializar” (sic).*

*“Sempre acreditei na importância do design como ferramenta para criar vantagens competitivas para as empresas e que, mais cedo ou mais tarde, isso seria reconhecido” (sic).*

Nesses comentários, observa-se como os respondentes foram criteriosos ao escolher seus caminhos profissionais descobrindo suas competências e adaptando-se às mudanças na área do design. Para alguns, a realidade local (oferta de vagas como designer) afetou as aspirações profissionais individuais, esse fato descortinou a ideia de um cenário amistoso para os egressos, pois comprovou-se que nem todos conseguiram trabalhar na área. Essa constatação foi feita a partir dos comentários da minoria dos respondentes, que desistiram

da profissão por diversas razões e pelas 13 pessoas que responderam que fizeram outra graduação e desistiram da área de design.

*“Desestímulo na faculdade por falta de compromisso de alguns professores. No mercado de trabalho as empresas exigem um profissional com experiência em vários softwares com remuneração abaixo. Enquanto os recém-formados não conseguem oportunidade” (sic).*

*“Baixa remuneração e pouco reconhecimento” (sic).*

*“Falta de oportunidades para a área de design de produto e de reconhecimento (sindicato)” (sic).*

*“O mercado se resume majoritariamente em produção de propaganda e conteúdo para redes sociais” (sic).*

Em razão disso e para ampliar nossa abordagem a respeito da não desistência da profissão ou em não atuar na área do design, foi perguntado aos egressos se depois de formados em design eles optaram por fazer outro curso de graduação que complementasse a sua formação em design e o ajudasse a ser inserido com mais facilidade no mercado local. 52 afirmaram que não fizeram outra graduação após o término do curso. A maioria optou por fazer cursos que complementassem a carreira na área do design, como especializações (lato sensu): em marketing, design de jogo, gerência de marketing e negócios e em gestão de projetos, design, propaganda e marketing e marketing empresarial, gestão da criatividade e inovação e cursos livres e de curta duração em áreas como gestão, empreendedorismo, inovação, branding e design gráfico, design de interação (IX) e experiência do usuário (UX) Adobe Premiere Pro e Adobe After Effects e de criação de conteúdo para a internet. Um egresso afirmou que cursou Design de Interface Digital para complementar sua profissão.

13 pessoas fizeram outra graduação e desistiram da área de design, cinco cursaram Arquitetura e Urbanismo, duas Administração e os cursos de Pedagogia, Artes Visuais, Engenharia Civil e Engenharia Mecânica tiveram um egresso em cada. 29 declararam possuir titulação de mestre (stricto sensu). Desses, 14 cursaram no Programa de Pós-Graduação em Design da UFAM. Os demais fizeram em áreas correlatas ao design, como Engenharia Florestal, Engenharia de Produção, Sociedade e Cultura na Amazônia (todos cursos de pós-graduação da UFAM) e Profissional em Ensino Tecnológico (IFAM). Dois egressos cursaram mestrado em Artefatos Digitais, na Cesar School, e uma em Educação. O restante cursou em universidades fora do estado ou do país: cinco, até o momento da pesquisa, estavam concluindo o mestrado em Design na UFAM. 4 egressos cursaram doutorado em Design fora do estado. Um egresso respondeu que está fazendo doutorado institucional (Dinter) entre a UFAM e a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (Unesp) em Ciência e Tecnologia de Materiais. Outra egressa cursou doutorado em Educação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto D’ouro (Portugal), em 2017, e quatro concluíram o doutorado em áreas afins do design.

## Relação academia x mercado

Independentemente da profissão, os recém-graduados buscam oportunidades no mercado de trabalho e geram expectativas (imediatistas) sobre ingresso na área escolhida. Às vezes, por falta de chances, busca diferentes ocupações, mas ainda almeja possibilidades no seu ramo. Para entender melhor esse contexto, buscou-se mais informações junto aos egressos.

Foram elaboradas duas perguntas similares, mas com lógica de interpretação diferente para a pesquisa: depois de formado em design pela UFAM, você conseguiu emprego em Manaus para atuar como designer nos primeiros meses depois de formado(a)? E, depois de formado(a) em design, você atuou como designer profissional em algum momento?

A primeira pergunta teve como objetivo saber se logo após a outorga de grau (nos meses subsequentes) eles conseguiram emprego na cidade como designers. O objetivo da segunda pergunta foi saber se eles atuaram como designers, formalmente, por meio de contratos e carteiras de trabalho assinados. As respostas, de certa forma, foram as esperadas, porque 71% (59 pessoas) disseram que sim. Esse percentual é de egressos com outorga de grau de anos distintos. Observou-se que 2018, 2010, 2004, 2011 e 2017 foram os anos com mais formandos, respectivamente. Isso mostra que, quando somados, perfazem um total de 33 pessoas das 59 citadas acima. Isto é, 39,7% dos 71%.

Do total de 59 egressos, 8,4% (7 respondentes) afirmaram haver conseguido emprego depois de alguns meses. 2,4% (2 egressos) atestaram que conseguiram empregos como designer antes mesmo de concluírem a graduação. Um (1,2%) declarou que, à época de sua outorga de grau, já era sócio em um escritório de design. Cabe ressaltar que um dado anterior a este mostrou que 71 egressos (85,5%) não desistiram da profissão em design. 27,7% (23 pessoas) atestaram que não conseguiram emprego na área do design e isso foi motivo para alguns mudarem de área.

Quando perguntados se atuaram como designer profissional em algum momento após a outorga de grau, 53% (44 pessoas) afirmaram que sim, que tinham a carteira de trabalho assinada pela empresa contratante como designer em diversos cargos, como: programador visual (órgão público), cargos comissionados na Prefeitura de Manaus, consultor no Sebrae e designer de produto. 18,1% (15 pessoas) afirmaram que exerciam a função de designer, mas não eram contratados como designers, e 10% (9 pessoas) afirmaram que nunca exerceram a função ou a atividade de designer, apesar de graduados na área. 13 pessoas (15,7%) declararam que suas atividades como designer foram apenas como freelancers.

Alguns respondentes expressaram comentários que, a princípio, parecem preocupantes em relação aos motivos que os levaram a não conseguir vaga no mercado de trabalho na área, na cidade. Registra-se que esses egressos afirmaram que não desistiram da profissão, porém não conseguiram uma

colocação no mercado local como gostariam. Eles apontaram que a não inserção no mercado se deve, principalmente, a fatores como exigência maior do que o esperado em relação à experiência profissional; salários considerados baixos para a categoria; desvalorização da profissão; falta de oportunidade e de interesse das empresas em ter designers contratados; vagas inexistentes para designers de produtos, dentre outros.

Os comentários a seguir apresentam os pensamentos dos egressos sobre a desvalorização da profissão, falta de oportunidade no mercado e de interesse das empresas em ter designers contratados.

*“Falta de oportunidade. Desvalorização do designer (muitas vezes colocam outros profissionais pra ocupar o cargo de criação. Publicitários, marketeiros...)” (sic).*

*“Campo escasso, paga mal, concorrentes sem competência” (sic).*

*“Os empresários entendiam bem pouco do que um profissional em Desenho Industrial poderia fazer em sua empresa. Se hoje é complicado, no início dos anos 2000 era pior” (sic).*

*“Só queriam contratar como estágio ou áreas pouco relacionadas com a de interesse” (sic).*

Para discorrer sobre as vagas inexistentes para designers no mercado, especialmente da área de produtos, os egressos explanaram:

*“Com a habilitação em projeto de produtos, não havia escolhas coerentes, pois na época, ou eu iria ser cadista no Polo Industrial, sem direito de assinar projetos, ou seria empreendedor (o qual não tenho afinidade)” (sic).*

*“Pouca oferta para Projeto de Produto. O mais próximo que trabalhei da área foi com projetos de móveis em diversas lojas/fábricas” (sic).*

*“Não havia vagas para designer de produto sem experiência” (sic).*

*“Nosso mercado ainda é muito visual. Para os habilitados em Projeto de Produtos, as limitações mercadológicas eram e são grandes, contudo, com a nova grade, o leque amplia dentro de um mercado de oferecimento de oportunidades ainda escasso” (sic).*

Por conseguinte, ao indagar se os designers egressos estão aptos a desempenhar funções consideradas com “mais responsabilidades” dentro de uma organização (pública ou privada) ao concluírem o curso, 54,2% (45 pessoas) atestaram que sim, pois consideram que a formação que receberam os qualifica para funções como coordenadores de equipe, a exemplo. Entretanto, três (3,6%) defenderam que o profissional precisaria complementar os estudos investindo em cursos da área de interesse que ele deseja atuar enquanto estivesse na academia, além de alguns anos de experiência profissional.

24,1% (20 pessoas) foram enfáticos ao declarar que o designer egresso da UFAM não está apto a desempenhar funções consideradas com “mais responsabilidades”. Na avaliação de quatro respondentes desse total, esses

profissionais necessitariam de conhecimentos mais aprofundados. De acordo com três deles:

*“Faltam conhecimentos e competências que não são trabalhadas na matriz curricular. Mas isso não é só no design” (sic).*

*“Não sei como está o curso na nova matriz curricular, mas na matriz anterior, diria que não havia essa preparação, sendo necessário primeiro experiência de mercado para poder assumir essas funções” (sic).*

*“Não creio. Para exercer essas funções, são necessários conhecimentos e habilidades que não estão incluídas na matriz curricular do curso” (sic).*

9,6% (8 respondentes) afirmaram não ter opinião formada sobre esse assunto. Os 12% restantes (10 pessoas) expuseram diversas opiniões sobre o tema. Os comentários considerados mais relevantes são:

*“Até a grade de 1989 acredito que quem conseguiu foi por ter buscado cursos complementares fora da Instituição. E quem conseguiu se aperfeiçoar se tornou um docente a altura de proporcionar um ótimo ensino aos alunos da atual grade” (sic).*

*“Dependeria muito da área em questão, mas para áreas mais recentes e específicas, como Games ou UI/UX, ainda há um déficit muito grande no que é ensinado” (sic).*

*“Talvez. Acredito ser necessário que o profissional busque paralelamente um aperfeiçoamento nas áreas, principalmente nas digitais, para conseguir um cargo “de maior responsabilidade” já que geralmente exigem maior aprofundamento e experiência” (sic).*

*“Quando o discente tem como investir em cursos por fora que sejam na área de atuação que ele ou ela deseja atuar não há limites, agora saindo diretamente do curso sem ter contatos inseridos dentro da empresa, acho muito raro de acontecer” (sic).*

## Conclusão

Os dados obtidos atestam que há um aparente paradoxo: os egressos percebem que o mercado está em processo de expansão, com designers atuantes nos mais diversos ramos: comunicação (publicidade, propaganda, design gráfico), indústria gráfica – impressa e digital –, escritórios de design, marketing, pesquisa, ensino (rede pública e privada) e como designers autônomos. Contudo, ao mesmo tempo, os respondentes explicam que os empresários locais ainda fazem do design subproduto de outras áreas, ou seja, sentem-se desprestigiados na profissão em detrimento a outras.

Um dos motivos seria a falta de regulamentação da profissão (citada pelos egressos), de certa forma, influencia o não reconhecimento do design como área importante para economia, indústria, inovação e competitividade de uma região, juntamente com a indefinição do campo de atuação (devido à natureza



interdisciplinar do design). Outro ponto levantado nessa jornada, observado nas respostas de alguns egressos, é que profissionais de áreas correlatas ao design, como arquitetos, artistas plásticos, publicitários, dentre outros, se desejarem, podem se especializar em alguma área do design e ocupar uma função que, a princípio, poderia ser destinada para um designer.

Constatou-se que a maioria dos egressos segue trabalhando na área. Muitos desenhistas industriais, particularmente os que escolheram a habilitação Projeto de Produto, tiveram que se readaptar para que fossem inseridos no mercado. Um ponto, porém, que merece destaque foi a falta de experiência e domínio de softwares específicos (Corel Draw, Auto Cad e Photoshop), o que dificultou ou até mesmo inviabilizou a inserção e a atuação desses profissionais. Parte dos profissionais buscou o empreendedorismo. Outros aderiram a cargos públicos, e na iniciativa privada, e na iniciativa privada. Mesmo em menor quantidade, têm-se designers atuando em empresas do Polo Industrial de Manaus (PIM), nas funções de pesquisadores e designers desenvolvedores de produtos, que foi o mote inicial para a inserção do design em Manaus. Alguns poucos atuam em centros de pesquisa e de desenvolvimento.

Na opinião (massiva) dos egressos, faltam empresários que acreditem no designer como profissional capaz de agregar valor aos produtos, aos serviços e à própria empresa. São relatados como objetivos conhecimento, ou reconhecimento, da profissão; professores capacitados e uma matriz curricular mais afinada com a evolução do design mundial.

Apesar das dificuldades, como a de conseguir retorno dos contatos realizados com os egressos, a pesquisa nos levou a acreditar que existe potencial para que o design evolua mais rapidamente em Manaus nos próximos anos do que evoluiu nos 35 anos de existência do curso da UFAM, porque o cenário na área do design em Manaus mudou, devido à popularização e à abrangência que a palavra design, e todo significado e simbologia a ela referidos.

Prosseguindo na linha de pensamento, defende-se que é preciso realizar mais estudos sobre o design e a atuação dos designers da região Norte com egressos provenientes de universidades públicas ou particulares. É importante frisar que algumas universidades públicas, especialmente as do norte, não ofertam cursos na área do design. A Universidade Federal de Roraima (UFRR) e a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) são exemplos dessa realidade. Nas duas capitais, Boa Vista/RR e Macapá/AP, há somente cursos na área em faculdades particulares. Dessa forma, entende-se que esse tipo de estudo demanda mais esforços: humano, disponibilidade de tempo e incentivo financeiro, a exemplo. Porém, uma pesquisa mais abrangente, como a sugerida aqui, proporcionaria informações mais amplas, diversificadas e precisas (passíveis de comparações) sobre as atuações desses profissionais no mercado, independentemente de sua área de atuação.

Acredita-se que este estudo também abre uma série de possibilidades e oportunidades para pesquisas e investigações futura visando à efetiva



compreensão da atuação de profissionais de design em regiões de características singulares, a exemplo de Manaus. Uma sugestão é compreender a visão dos empresários locais (empregadores) sobre o design, afinal, conforme descrito no item Relação academia x mercado, os entrevistados manifestaram que o conhecimento do empresariado local sobre design é restrito e superficial, basicamente associado a uma visão estereotipada do design apenas como atividade “estética”. Sendo assim, seria oportuno um levantamento junto a esse segmento (contratante ou não de profissionais de design) para se obter uma adequada compreensão do ponto de vista desse grupo de “stakeholders”, pois é esse mercado de trabalho que irá absorver essa mão de obra qualificada no futuro.

Desse modo, afirma-se que Manaus é um lugar peculiar e desafiador, o que faz dela um celeiro para pesquisas em design, por isso foi gratificante trilhar por esse caminho desconhecido e, ao mesmo tempo conhecido, e descortinar algumas verdades sobre esses designers, afinal, como afirmou Cardoso (2016, p. 238), devemos “pensar em design não como um corpo de doutrinas fixo e imutável, mas como um campo em plena evolução.” Faz-se necessário solucionar algumas questões essenciais, como identificar em quais setores os designers desenvolvem suas atividades; quais as funções e atividades desenvolvidas no mercado; se existem entraves para a sua inserção no mercado; se estão realmente trabalhando em sua área de formação; se desistiram da profissão; quais oportunidades surgem diante das mudanças que a tecnologia provoca, dentre outros temas afins.

## Referências

ARRUDA FILHO, Moisaníel Pimentel; BARROS, Rubenio dos Santos; DINIZ, Raimundo Lopes. Discussão Acerca do Significado do Termo “Design” Utilizado em Produtos e Serviços Discussion About the Interpretation of the Term “Design” Used in Products and Services. **13º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, Univille, Joinville (SC), 5-8 nov. 2018. Disponível em: <[http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2018/1.2\\_ACO\\_06.pdf](http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2018/1.2_ACO_06.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BONSIEPE, Gui. **Design, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

BRAGA, Patrícia dos Anjos; RUSCHIVAL, Claudete Barbosa; MOTA, Sheila Cordeiro (Orgs.). **Design UFAM: 25 anos**. Manaus: Rego Edições, 2014.

BUCHANAN, Richard. Rhetoric, Humanism and Design. In: HANDA, Carolyn. **Visual**

**Rhetoric in a Digital World: A Critical Sourcebook.** Bedford/St.: Martin, 2004. p. 23-66.

E-MEC. Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior Cadastro e-MEC. Disponível em: <<https://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 13 de nov. 2022.

LANDIM, Paula da Cruz. **Design, empresa, sociedade.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MEYER, Michael W.; NORMAN, Don. Changing Design Education for the 21st Century. **She Ji The Journal of Design Economics and Innovation.** v. 6, n. 1, Spring 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.sheji.2019.12.002>>. Acesso em: 02 de fev 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design.** Resolução n.º 5, de 8 de março de 2004. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05_04.pdf)>. Acesso em: 28 jul. 2021.

MORAES, D. de. Fenomenologia do design contemporâneo. **DATJournal: Design, Art and Technology.** v. 5, n. 2, pág. 7-24, 2020. DOI: 10.29147. Disponível em: <<https://dat-journal.anhemi.br/dat/article/view/188>>. Acesso em: 9 nov. 2021

NIEMEYER, Lucy. **Design no Brasil: Origens e instalação.** 4 ed. Rio de Janeiro, 2007.

PAPANEK, Victor. **Arquitetura e Design: Ecologia e Ética.** Edições 70. Lisboa, 1995. Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Design. 2007. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1Hz0sHvK55IXR4wbi4pco\\_8XrsRpAcCBI/view](https://drive.google.com/file/d/1Hz0sHvK55IXR4wbi4pco_8XrsRpAcCBI/view)>. Acesso em: 22 jun. 2020.

SALINAS-FLORES, Oscar. Design Transformation: The effect of global change and the reconceptualization of design in Mexico and Latin America since the 1980's", p. 259-264. In: WONG, Wendy Siuyi; KIKUCHI, Yuko; LIN, Tingyi (Eds.). Making Trans/National Contemporary Design History [=ICDHS 2016 – **10th Conference of the International Committee for Design History & Design Studies**]. São Paulo: Blucher, 2016. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/despro-icdhs2016-03\_014.

SILVA, João Carlos RiccÓ Plácido da., **O futuro do design no Brasil.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SWANSON, Gunnar. Educating the Designer of 2025. **She Ji The Journal of Design, Economics, and Innovation,** v. 6, n. 1, Spring 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.sheji.2020.01.001>> e <<http://www.journals.elsevier.com/she-ji-the-journal-of-design-economics-and-innovation>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

VAZ, Greice Rejane Moraes; ALENCAR, Larissa de Albuquerque. Interdisciplinaridade do Design: as pesquisas de mestrado desenvolvidas no âmbito do PPGD/UFAM. In: RUSCHIVAL, Claudete Barbosa (Org.). **Caderno Científico PPGD UFAM 2023: Programa de Pós-Graduação em Design**. 3ª Ed. Manaus: Reggo/Edua, 2023. P. 95-111.

**Recebido:** 06 de agosto de 2023

**Aprovado:** 21 de fevereiro de 2024